

# **Circuitos Comunicativos e Construção da Cidadania no Ciberespaço: Tramas do Sentido em Narrativas de *Weblogs*<sup>1</sup>**

Adriano Warken Floriani<sup>2</sup>  
Valdir Jose Morigi<sup>3</sup>

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS)

## **Resumo**

A idéia de circuito, no mundo contemporâneo, está associada ao processo da comunicação mediada e à sua complexidade. Com o objetivo de verificar qual o papel dos circuitos comunicativos na formação de redes e na construção da cidadania, procurou-se mostrar como se caracterizam os circuitos, a partir do estudo realizado em *weblogs* voltados à discussão de temas políticos. Os circuitos comunicativos se desenvolvem e geram novos circuitos emergentes, interferindo na sua própria organização e na circulação das informações. As narrativas de *blogs* formam tramas de sentidos, responsáveis pelos intercâmbios das significações e pela mobilização dos cidadãos no ciberespaço.

## **Palavras-chave**

Comunicação e cidadania; circuitos comunicativos; mídias digitais; blogs.

## **1 Introdução**

As tecnologias da informação e da comunicação, associadas à globalização da economia, vêm contribuindo para pôr em xeque os valores do Estado-nação moderno, modificando a concepção de cidadania vinculada ao exercício de direitos e deveres num território geográfico. A moderna noção de contrato social perde o sentido para dar lugar a socialidades eletivas. Ao invés dos laços comunitários tradicionais, surgem novas formas do “estar-junto” associadas às mídias.

A comunicação e a informação assumem posição central no mundo contemporâneo, cada vez mais complexo. O processamento dos sentidos ocorre de forma circular, envolvendo seleções nas três dimensões do processo comunicacional: a produção, a transmissão e a aceitação (ou não) das informações disponíveis. Com a internet, os indivíduos passam a intercambiar informações em rede, tornando-se ao mesmo tempo emissores e receptores. Dentre as novas práticas na *Web*, os *weblogs* vêm sendo apropriados como ferramentas de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 12 – Comunicação para a Cidadania, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Jornalista e mestrando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: awfloriani@terra.com.br.

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia, professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Informação (Fabico / UFRGS) e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM / UFRGS). E-mail valdir.morigi@ufrgs.br.

expressão e de visibilidade, de crítica da realidade social, de reivindicação de direitos e também da construção de si por meio de narrativas pessoais.

A disseminação de idéias nos *blogs* possibilita identificações e intercâmbios de informações, acionando circuitos comunicativos e a formação de redes. A hipótese deste estudo é a de que os circuitos comunicacionais, gerados entre os *blogs*, formam complexas tramas de sentidos, e os seus intercâmbios possibilitam a construção da cidadania no mundo contemporâneo, fortalecendo a cultura democrática.

## **2 Novas configurações do espaço público e da cidadania**

As transformações culturais da sociedade contemporânea, associadas à globalização econômica e às tecnologias da informação e da comunicação, vêm contribuindo para modificar a noção do que é “público”, na medida em que desvalorizam o estado nacional, até há pouco o único espaço do caráter coletivo e do exercício da cidadania. Hannah Arendt (1989) entende a esfera pública como o mundo comum, como um espaço intermediário que ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os indivíduos. Qualquer lugar pode se tornar espaço público quando se torna espaço de poder, de ação comum coordenada por meio do discurso e da persuasão.

Arendt entende que a realidade do mundo é garantida pela presença dos outros, pois é aquilo que aparece a todos que garante a existência. Portanto, é aquilo que ela chama o “espaço da aparência” que precede a existência de uma esfera pública. A própria subjetividade tem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, seja transformada, desprivatizada e desindividualizada, de modo a se tornar adequada à aparição pública.

Assim, ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêem e ouvem de ângulos diferentes. Pois, conforme Arendt, o mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva. Na cidade-estado grega, a esfera pública era reservada à individualidade. A *pólis* era permeada de um espírito agonístico: cada homem tinha constantemente que se distinguir, demonstrando que era o melhor de todos. Já nas sociedades modernas, há um espírito associativo impelindo os homens a agirem em conjunto, e o comportamento passa a substituir a ação como principal forma de relação humana. Arendt vê esse processo como resultado da oclusão do político pelo social. A autora associa, portanto, a ascensão do social ao declínio do espaço público na modernidade.

[...] a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os seus membros, a fazê-los “comportarem-se”, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada (ARENDDT, 1989, p. 50).

Na chamada sociedade da informação, o conceito de espaço público revela-se mais complexo, contraditório e plural do que aqueles elaborados pelas grandes correntes teóricas representadas por H. Arendt, ou ainda por Jürgen Habermas e Wright Mills. Muito do entendimento da forma como lidamos com os assuntos de natureza política e social está ainda condicionado por uma visão que tem suas raízes no espaço público clássico, racionalista, que enfatiza a possibilidade de reunião dos indivíduos numa situação de co-presença para discutirem assuntos acerca dos quais comunguem uma preocupação comum (CORREIA, 2004).

A noção de espaço público hoje, no entanto, deve levar em conta o caráter afetual das relações sociais, a importância do “imaginal”, e o impacto das tecnologias da informação e da comunicação na formação de redes baseadas em socialidades eletivas (MAFFESOLI, 1997; 1998). Com as mídias, é toda a concepção de política, de cidadania e de relação entre público e privado que se transfigura. Os meios de comunicação de massa e, mais recentemente, as mídias digitais, transformaram a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação, de interação e de exercício do poder.

O conceito de cidadania, por sua vez, enquanto direito a ter direitos, foi abordado a partir de variadas perspectivas, constituindo alvo de discussão, embora nunca tenha sido uma idéia central nas ciências sociais (VIEIRA, 2001). Parte considerável das abordagens sobre o tema estão concentradas na análise da relação de indivíduos com instituições sociais, políticas e econômicas no espaço de um território geográfico. No mundo contemporâneo, em que as trocas simbólicas ocorrem de forma cada vez mais desterritorializada, as relações entre cidadania, subjetividade e comunicação estão imbricadas.

Os impactos transformadores da globalização atingiram em profundidade a cidadania democrática na sua dupla natureza, como modo de legitimação e como meio de integração social, como *status* legal igualitário de direitos e deveres dos membros da comunidade política e, simultaneamente, como identidade coletiva baseada no pertencimento à comunidade nacional de origem e destino (VIEIRA, 2001, p. 221).

Numa abordagem que se tornou clássica, Marshall (1967) define a cidadania como um *status* vinculado à condição de pleno membro de uma comunidade, atribuindo igualdade no que respeita aos direitos e deveres que lhe estão associados. Assim, sociedades diferentes

atribuirão direitos e deveres diferentes ao *status* de cidadão. Três partes ou elementos de cidadania distintos que podem ou não estar presentes em qualquer constituição de cidadania são identificados por Marshall: os direitos civis (primeira geração), os direitos políticos (segunda geração) e os direitos sociais (terceira geração).

O problema de quem pode exercer a cidadania, e em que termos, no entanto, não é apenas uma questão do âmbito legal da cidadania e da natureza formal dos direitos que ela implica (MARSHALL, 1967; BARBALET, 1989). É também uma questão de capacidades não-políticas dos cidadãos, derivadas dos recursos sociais e simbólicos que eles dominam e a que têm acesso. Assim, a degradação da política e a descrença em suas instituições vêm contribuindo para fortalecer outros modos de participação.

Garcia-Canclini (1999) destaca que o consumo privado de bens e dos meios de comunicação fornecem hoje mais respostas aos cidadãos do que as regras abstratas da democracia ou mesmo a participação coletiva em espaços públicos. Os meios eletrônicos vêm deslocando o desempenho da cidadania em direção à cultura e às práticas do consumo.

Foram estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer os direitos. Desiludidos com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. (GARCIA-CANCLINI, 1999, p. 50).

Vemos, portanto, a cultura como base da solidariedade mais do que a identidade nacional ou de classe. Nas sociedades midiáticas, grande parte dos cidadãos não se interessa pela vida política e não crê nos grandes projetos coletivos. A identidade fragiliza-se, mas as diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se. Cada um só existe no e pelo olhar do outro. No mundo atual, a “ambiência emocional” toma o lugar da argumentação e o sentimento substitui a convicção (MAFFESOLI, 1997).

Num mundo cada vez mais complexo, Covre (1999) argumenta que a “revolução” por uma sociedade melhor passa justamente pela revolução nas subjetividades, o que envolve o desenvolvimento de competências simbólicas. Formas simbólicas essas que, no entendimento de Bourdieu (1989), são os instrumentos por excelência da integração social e também do exercício do poder. Nesse sentido, Santos (2004) cunhou a expressão “cidadania interativa”, objetivando destacar a relevância do processo de interação social para o exercício da cidadania, processo no qual os recursos simbólicos assumem um papel preponderante.

Por “cidadania interativa”, o autor entende a situação na qual indivíduos dominam os recursos simbólicos necessários para estabelecer relações na sociedade, consideradas como pré-condição indispensável para o reconhecimento do indivíduo por uma determinada comunidade e também por outros indivíduos. De acordo com Santos, “[...] os recursos simbólicos atuam como complemento aos recursos políticos, econômicos e sociais disponíveis aos indivíduos para que possam exercer satisfatoriamente sua condição de cidadão” (2004, p. 130).

Se a visão racionalista de espaço público, entendida na perspectiva clássica, é insuficiente para pensarmos as relações sociais e políticas num mundo mediado pelas tecnologias digitais, podemos concordar com Correia (2004) sobre a possibilidade de existir uma pluralidade de espaços públicos mediatizados. Assim, a intervenção política e o exercício da cidadania passam também por hipóteses alternativas de uso das mídias.

[...] as transformações verificadas na circulação de informação podem permitir a formação de *media* comunitários, ligados a comunidades, espaços públicos e movimentos de interesses específicos, elaborados por membros que procuram através deles obter mais força política, maior poder de negociação, mais impacto e visibilidade (2004, p. 38).

Com a explosão das redes interativas multimídias, como a internet, aparece uma nova classe de cidadãos: numerosas pessoas, de diversos horizontes, que desejam exprimir-se (ROSNAY, 2000). Assim, as práticas de cidadania, nesta época globalizada, não podem ser desvinculadas das atividades através das quais sentimos que pertencemos, que fazemos parte de redes sociais.

### **3 Circuitos comunicativos em redes de weblogs**

A noção de rede vem sendo bastante utilizada para se pensar a estruturação social na contemporaneidade. Resgatando seu sentido mais literal, rede refere-se a um entrelaçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados, remetendo, assim, à forma, à morfologia de um sistema. Comunicação em rede, sociedade em rede, portanto, são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social (CASTELLS, 1999; FRANÇA, 2002).

É, portanto, pela mediação das tecnologias digitais que os indivíduos trocam informações e se comunicam, produzindo uma trama de sentidos sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Em torno dos valores que lhe são próprios, os grupos sociais dão forma a seus

territórios, a suas ideologias, às suas tribos, formando redes baseadas em afinidades. Os *weblogs*, *fotologs* e o *Orkut* são exemplos dessas manifestações no ciberespaço, entendido como ambiente midiático. Nas diferentes redes, as identificações de caráter tribal levam os indivíduos a participarem daquilo que Araújo (1999) denomina de “circuitos comunicacionais”, desenvolvendo ações de recepção, geração e transferência de informações. O sentido produzido no circuito comunicativo sofre interferências e interfere na experiência dos sujeitos.

Fonseca (1998) define os circuitos comunicativos buscando captar a mobilidade das instâncias envolvidas no processo comunicacional presentes nos caminhos possíveis dentro de uma rede:

Em um primeiro plano, circuitos comunicativos seriam como caminhos ou redes de relações que aparecem para os sujeitos como possibilidades no enfrentamento de situações concretas. Em outro plano, os circuitos seriam também caminhos através dos quais o sentido se produz e como tal aparecem como possibilidades dentro de uma rede possível de sentidos. (1998, 40).

Conforme a pesquisadora, devemos nos ater não apenas aos processos de produção, recepção ou distribuição das mensagens, mas na relação que se estabelece entre os sujeitos. Com o auxílio de outros autores, pretendemos ampliar a idéia de circuito comunicativo, procurando demonstrar como ocorre sua dinâmica nas redes que se estabelecem no ciberespaço.

Primeiramente, embasando-nos em Luhmann (1996), o circuito comunicativo pode ser pensado como um sistema<sup>4</sup> que se auto-produz, emergente em cada instante, em que a comunicação é construtora da sociedade. O processamento dos sentidos e a reprodução da comunicação no sistema/circuito se dão a partir de uma síntese de três diferentes seleções: a) a seleção da *informação*, b) a seleção do *ato de comunicar* e c) a seleção que se realiza no *ato de entender* (ou *não entender*) a *informação* e o *ato de comunicar*. Assim, o movimento do sentido é contínuo, gerando diferenciações e ao mesmo tempo tornando o circuito passível de encontrar atos conexos .

Num segundo momento, quando nos referimos aos circuitos comunicativos, estamos levando em conta a existência de interdiscursividade, entendida a partir do que Bakhtin denominou *polifonia*: o entrelaçamento, num texto, de vestígios de outros textos preexistentes

---

<sup>4</sup> Sistema denomina a capacidade emergente de produzir relações, que aparece como fonte criadora produtora de mudanças. Se o circuito pode ser pensado como sistema, os indivíduos formam o seu ambiente. A interação entre o sistema e o ambiente está baseada em realimentação mútua.

(PINTO, 1999). Podemos dizer, portanto, que a cidadania se constrói, no ciberespaço, por intermédio de circuitos comunicativos, formadores de redes interdiscursivas.

Entendemos ainda o circuito comunicativo como um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atua na construção social da realidade a partir de experiências compartilhadas do mundo (BERGER, LUCKMANN, 1978). Se a sociedade pode ser concebida como uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, a relação do homem com o mundo social é, pois, dialética, ou seja, um atua sobre o outro.

A relação entre os indivíduos e a sociedade está perpassada por representações. Os *blogs* possibilitam a visibilidade das representações individuais na rede. Os intercâmbios entre os blogueiros geram representações coletivas, que têm a capacidade de se tornarem realidades parcialmente autônomas atuando sobre a organização da sociedade. A organização em rede, portanto, permite pensar a construção da cidadania.

Organizados em redes, os indivíduos têm a possibilidade de construir uma visão de mundo diferente daquela presente nos discursos “oficiais”. A pluralidade de idéias e a diversidade de visões de mundo são garantidas pela existência de antagonismo no corpo social (MORIN, 2001). Mas, para que haja antagonismo é preciso que haja comunicação. Ou, dito de outra forma, para construir uma cultura democrática é preciso existir o direito de comunicar, que possibilita a formação de circuitos comunicativos no ambiente midiático.

Ramos (2002) defende o direito à comunicação como um novo direito social, que pode ser considerado de “quarta geração”, embora na prática ainda esteja longe de ser reconhecido como tal. Esse direito pressupõe o acesso dos indivíduos às formas mediadas de comunicação, envolvendo tanto as competências simbólicas quanto a democratização dos meios. O direito à informação, que integra a primeira geração de direitos de cidadania, é considerado hoje insuficiente para garantir a democracia.

A emergência dos *weblogs*, conforme Lemos (2002), está associada justamente às novas possibilidades que as tecnologias trazem de liberação do pólo da emissão, permitindo comunicar, e não apenas receber informações. A liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação às mídias de massa) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas.

O termo *weblog* é um jargão derivado da união das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registravam os eventos das viagens, principalmente aqueles ligados ao clima). O que distingue os *weblogs*, ou simplesmente *blogs*, das páginas pessoais e de outros sites da internet é a facilidade com que podem ser criados, editados e publicados, sem a necessidade de conhecimentos técnicos específicos.

A maioria dos sistemas de *blogs* conta hoje com duas ferramentas que permitem a interação: a) a ferramenta de comentários, em que os internautas podem deixar observações e comentários sobre os textos (*posts*) publicados em *blogs* de outras pessoas; b) a ferramenta *trackback*, que permite que outros *posts*, em outros *blogs*, que fizeram referência a um texto sejam *linkados* junto dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto também por outros *blogs*.

Os recursos de interatividade são importantes para o intercâmbio de informações e para a formação de circuitos comunicacionais. Recuero (2002) defende que os espaços de interação em um *blog* auxiliam na criação de *webrings*, ou seja, círculos de blogueiros que interagem através de comentários e *trackbacks*, construindo uma rede hipertextual dialógica e complexa.

Nesse sentido, Catarina Rodrigues (2004) compara os *blogs* a uma *agora* na internet:

[...] os *blogs* constituem um espaço onde qualquer pessoa (que tenha acesso à Internet) pode dizer o que pensa sobre um determinado assunto, um espaço que proporciona a troca de conhecimento e muitas vezes impulsiona o debate. Transpomos assim a *ágora*, que ocupava na sua gênese um espaço físico, uma praça pública delimitada, para um espaço virtual proporcionado pela Internet. (2004, p. 29).

Canavilhas (2004) realizou pesquisa sobre *blogs* políticos em Portugal e obteve resultados interessantes sobre sua validade como instrumentos de construção da cidadania. As duas razões mais fortes para a criação de um *blog*, encontradas pelo pesquisador, são a vontade de “informar e ser informado” e a necessidade de “ter uma intervenção cívica”.

#### **4 As narrativas dos blogs e as tramas do sentido**

A importância da narrativa na contemporaneidade e sua relação com a comunicação humana em geral e das minorias em particular é destacada na definição da jornalista Cremilda Medina (2003, p. 48).:

Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotada da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o ser humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital. A contemporaneidade, tal qual as percepções traduzem em narrativas, oferece



inúmeros desafios não só ao cidadão nela situado com relativo conforto, como ao que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa. Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da história é, a princípio, um exercício doloroso de inserção no campo da cidadania e da construção de oportunidades históricas.

Para Sartori e Roesler (2004), a narrativa textual pode ser entendida como troca de experiências, como prática social que pressupõe interlocução, pois quem conta o faz para quem ouve. Em uma experiência narrativa, ambos saem modificados, um pelo que reviveu e outro pela experiência que adquiriu. A escrita se torna uma pausa, uma possibilidade de deixar marcas. A narrativa se configura, assim, como prática de lidar com diferenças.

Se a narrativa pressupõe intercâmbio, pode ser desencadeadora dos circuitos comunicativos. Os circuitos são acionados a partir da expressão do “mundo interior” na linguagem narrativa. As narrativas criam significações sociais, sendo produtos culturais inseridos em certos contextos históricos. O texto e suas significações são o nexo entre a produção e o consumo, entre o ato de enunciar e o ato de interpretar (atos de alguém, de algum sujeito). O texto e suas significações são apenas a forma que assume a relação entre atores sociais vivos, concretos, humanos, históricos. (MOTTA, 2004).

As narrativas dos *blogs* são construídas enquanto elementos de um lugar de fala de onde o sujeito quer ser visto, “ouvido” e reconhecido, gerando identificações com outros que compartilham visões de mundo e valores semelhantes. O caso do *blog Geógrafos Sem Fronteiras*<sup>5</sup>, que apresentaremos como exemplo a seguir, permite identificar como funciona a dinâmica dos circuitos comunicativos.

O professor de Geografia Antônio Carlos, autor do *blog Geógrafos*, constitui sua própria rede a partir de 31 *blogs* considerados “amigos” e apresentados no lado esquerdo de sua página. Em contrapartida, alguns desses 31 *blogs* também incluem o *Geógrafos* em suas redes próprias. O diálogo estabelecido a partir dos textos publicados nos *blogs* e comentados por outros se dá por intermédio de circuitos comunicativos, que formam tramas do sentido no ciberespaço. Essa relação interdiscursiva modifica a dinâmica do circuito, pode modificar os indivíduos envolvidos nas trocas comunicativas e contribui para modificar as representações da realidade.

Em 17 de janeiro de 2005, Antônio Carlos, que se diz militante do movimento negro, escreveu no *blog* sobre o tema universidade e inclusão social, elencando motivos para o

---

<sup>5</sup> <http://geototal.blogspot.com>

“fracasso” do ProUni (Programa Universidade para Todos), lançado pelo governo federal. O texto, sob o título “Lula e ProUni”, diz o seguinte:

[...] sempre fui a favor de uma política de inclusão mais ampla. Sempre imaginei que uma política em educação voltada para os cidadãos de baixa renda, com certeza estaria assim atingindo também a população negra, grande maioria entre os pobres. O que nunca concordei e nem posso concordar é com este racismo às avessas. Como já disse uma vez, nunca aceitaria entrar numa Universidade onde o determinante seria a cor da minha pele. É quase um racismo às avessas. Já defender o pobre, o cidadão de baixa renda, é dever do Estado. É pra isso também que ele existe.

O texto recebe comentários de leitores habituais, que formam uma rede de *blogs* com Antônio Carlos, alguns concordando e outros discordando do ponto de vista do autor. Rafael Galvão, por exemplo, do blog *Rafael Galvão*<sup>6</sup>, responde ao amigo:

AC, eu também olho com desconfiança o ProUni, mas por outras razões: acho que em grande parte está virando ajuda para universidades particulares que pipocaram em cada esquina durante o governo FHC e que superestimaram seu mercado potencial. Mas acho que cotas são necessárias, embora variem de região para região. A comparação entre branco pobre e negro pobre é válida apenas em parte, porque a maioria dos pobres é negra, na maior parte do país.

Como podemos observar, há uma discordância parcial entre ambos. Rafael defende a política de cotas raciais e acredita que o ProUni serve “para ajudar as universidades particulares”. Vejamos agora a réplica de Antônio Carlos ao comentário de Rafael:

Rafa, também não boto muita fé nesse tal de Prouni não... me parece isso mesmo que acabou de dizer... Quanto à questão das cotas, é mais complicado, mas como você mesmo disse, a maior parte dos pobres são negros... porque não fazer cotas para os pobres então, ao invés de acirrar ainda mais a questão das raças?

Rafael traz um elemento novo ao polemizar que o ProUni serve para “ajudar universidades particulares”. Antônio Carlos concorda (“...me parece isso mesmo que acabou de dizer...”), mas mantém o ponto central de sua crítica, focada na questão das “cotas raciais”, que, segundo ele, reforçam o racismo. Para Antônio Carlos, seria mais lógico mudar o viés da política proposta pelo governo federal, incluindo os pobres, o que necessariamente, entende, levaria à inclusão dos negros no ensino superior. O texto de Antônio Carlos e o comentário de

---

<sup>6</sup> <http://www.rafael.galvao.org>

Rafael provocaram a entrada de um outro “blogueiro” no debate: Idelber Avelar, de *O Biscoito Fino e a Massa*<sup>7</sup>, também integrante da rede de “blogs amigos” do *Geógrafos Sem Fronteiras*. Vejamos o que diz Idelber:

Antônio Carlos, saudações alvi-negras (e a favor das cotas, mas essa discussão prá depois)! As suspeitas quanto ao ProUni são bem fundadas e o Rafael citou o motivo principal: é uma ajuda pública às escolas particulares para que o Estado possa se eximir ainda mais da coisa. Uma palhaçada travestida de 'ajuda aos pobres'. Mais uma para o febeapá deste governo. Abraços, Idelber.

Idelber começa o texto saudando o autor do *blog* por ele visitado e estabelecendo uma cumplicidade a partir de valores compartilhados com Antônio Carlos: o time de futebol pelo qual ambos torcem (o Atlético-MG), que também diz respeito à origem em comum (ambos nasceram em Minas Gerais). Em seguida, Idelber estabelece uma diferença com Antônio Carlos: ao contrário deste, o primeiro é favorável às cotas raciais, mas prefere não polemizar (“...essa discussão pra depois...”).

Idelber refere-se ainda à mensagem deixada pelo outro blogueiro participante do debate, registrado na ferramenta de comentários do *Geógrafos*. Para Idelber, é Rafael quem tem o melhor argumento para justificar o descontentamento com o ProUni, ao dizer que “[...] está virando ajuda para universidades particulares [...]”.

Uma outra blogueira, preocupada com os reflexos do programa em sua vida acadêmica, entra no debate sobre o ProUni, buscando informações para tomar uma decisão pessoal. Identificada pelo apelido “Viajandona”, do *blog* intitulado *Sempre viajando sem sair do lugar*<sup>8</sup>, ela diz o seguinte:

Estou preocupada com isso. Fui pré selecionada na PUCRS em Porto alegre. Pra minha surpresa consegui passar na federal de pelotas. Quero ir pra Poa onde tenho minha família e lugar pra ficar, só que estou com medo de deixar uma vaga na federal e me arriscar no prouni. Tenho medo que no meio do curso seja suspenso o programa ou algo do tipo. viajandona.

Configura-se, portanto, neste exemplo, a interdiscursividade do circuito comunicativo, em que as trocas contribuem para modificações recíprocas, agindo de forma recursiva sobre os interagentes. Num primeiro momento, o circuito é acionado a partir de uma narrativa de Antônio Carlos (produção), publicada no *blog Geógrafos Sem Fronteiras* (meio de difusão da

<sup>7</sup> <http://www.idelberavelar.com>

<sup>8</sup> <http://www.viajandona.blogspot.com/>

informação), gerando os comentários de Rafael Galvão, de Idelber Avelar e de “Viajandona” (uso da informação).

Num segundo momento, são os leitores e também blogueiros (Idelber, Rafael e Viajandona) que se tornam produtores de informação ao comentarem o texto de Antônio Carlos. Os atores referidos, pertencentes à mesma rede de *weblogs*, agem de forma recursiva uns sobre os outros, produzindo sentidos em três níveis do circuito comunicativo (na seleção da informação, do ato de comunicar e ao entender a informação e o ato de comunicar realizado por alguém). Todos comunicam e fazem uso de informações advindas de diferentes fontes e trocadas entre si.

Recortamos a análise a partir do texto de Antônio Carlos, sendo difícil identificar o começo e o fim da comunicação, uma vez que Antônio Carlos selecionou a informação de um determinado contexto, definindo a forma e o por que de comunicá-la. Os blogueiros Rafael, Idelber e “Viajandona” processaram sentidos ao utilizar o *blog* de Antônio Carlos como fonte, ao escrever novas informações e ao escolher a maneira (o meio e a linguagem) e o por que de comunicá-las (a estratégia de comunicação). As contribuições dos amigos blogueiros trazem novos elementos para Antônio Carlos, que poderá aceitá-los ou não. De qualquer forma, a escolha é um imperativo necessário e é aí que reside o movimento contínuo dos sentidos, como um fator de estabilidade e instabilidade, tecendo uma trama a partir da dinâmica dos circuitos comunicativos.

## 5 Considerações finais

Os circuitos comunicativos, como vimos, envolvem a construção de sentidos no ciberespaço a partir da interdiscursividade presente nas narrativas dos *blogs*. A idéia de circuito permite conceber a complexidade da comunicação e da informação nas trocas realizadas entre indivíduos na internet, num mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias. Nesse ambiente, as identificações geram tramas de sentidos em redes cooperativas.

Ao intermediar as trocas comunicativas, a dinâmica dos circuitos pode contribuir para a construção de uma determinada representação do mundo social, numa relação dialética entre a realidade objetiva e a subjetividade. Os circuitos, portanto, atuam na construção social da realidade, à medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo. Assim, é possível pensarmos a possibilidade de transformação do mundo social a partir da organização dos indivíduos/blogueiros em redes, modificando a representação desse mundo que contribui para a sua realidade.

É importante dizer ainda que a noção de circuitos comunicativos que tentamos esboçar visa identificar os “caminhos” pelos quais o sentido se produz nas relações estabelecidas entre os blogueiros, que contribuem para tecer diversas tramas na internet. Ao receber informações de diferentes fontes e reprocessá-las em narrativas, estabelecendo novas interações, os indivíduos vão adquirindo a capacidade de dominar os recursos simbólicos necessários para estabelecer relações na sociedade, consideradas como pré-condição indispensável para o reconhecimento do indivíduo por uma determinada comunidade. Na rede, por fim, é possível interagir e criar situações de esferas públicas virtuais. Se a cidadania passa hoje pelo direito de ser visto e ouvido, ela não pode prescindir da comunicação.

## Referências

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 155-167, mai./ago. 1999.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

BARBALET, J.M. Teorias da cidadania. In: **A Cidadania**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. pp 11-24.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANAVILHAS, João. **Blogues Políticos em Portugal**: o dispositivo criou novos actores? Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-politica-e-weblogs.pdf>>. Acesso em: março de 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CORREIA, João Carlos. **Comunicação e Cidadania**: os *media* e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

COVRE, Maria de Lourdes M. **O que é Cidadania?** São Paulo: Braziliense, 1999.

FONSECA, Cláudia G. da. A comunicação e a produção de sentido sobre a saúde. **Geraes Revista de Comunicação Social**, Belo Horizonte, n. 49, p. 39-43, 1998.

FRANÇA, Vera. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: PRADO, Luiz Aidar (org.). **Crítica das Práticas Midiáticas**: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker Editores, 2002. pp. 57-77.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

LEMOS, André. **A Arte da Vida**: diários pessoais e webcams na Internet. XI Compós. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002.

LUHMANN, Niklas. **Introducción a la Teoría de Sistemas**. Universidad Iberoamericana, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARSHALL, T.H. (1967). **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. **O Método 2**: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. (Coleção Textos em Comunicação, Ano II, Vol. 2, No. 5). Brasília: Casa das Musas, 2004. 60 p.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. In: PERUZZO, Cicília; BRITTES, Juçara (orgs.). **Sociedade da Informação e Novas Mídias**: participação ou exclusão? São Paulo: Intercom, 2002.

RECUERO, Raquel. **Weblogs Webrings e Comunidades Virtuais**. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de Comunicação, em Setembro de 2002. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: março de 2005.

RODRIGUES, Catarina. **Blogs: Uma Agora na Net**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-na-net.pdf>>. Acesso em: março de 2005.

ROSNAY, Joël. O salto do milênio. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000. pp. 217-223.

SANTOS, Hermílio. Cidadania interativa, comunidade e sociedade: uma análise com prelúdio e três atos. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, n. 23, abril 2004. pp. 128-139.

SARTORI, Ademilde; ROESLER, Jucimara. Narrativa, cidadania e o não-lugar da cultura. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, n. 23, abril 2004, pp. 70-76.

VIEIRA, Liszt. **Os Argonautas da Cidadania**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.